



CASTRO, Celso; LEIRNER, Piero (orgs.). *Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2009, 242 pp.

Bruna Della Torre de Carvalho Lima  
Universidade de São Paulo

### Dilemas da construção de uma ciência de duas mãos

*Antropologia dos militares: reflexões sobre pesquisas de campo*, coletânea composta de 11 artigos que resultam de pesquisas realizadas nas duas últimas décadas, organizada por Celso Castro e Piero Leirner, apresenta os dilemas, tensões e dificuldades metodológicas e epistemológicas daqueles que tomaram os militares como seus sujeitos de análise. O mote principal do livro, mais do que apresentar os conteúdos das pesquisas, consiste nas diversas maneiras de pesquisar os militares “de carne e osso”<sup>1</sup>: entrevistas, “observação participante”, questionários, pesquisas de arquivos, de documentos e outras práticas etnográficas.

A coletânea inicia-se com o artigo de Celso Castro – “Em campo com os militares” – que tem como fio condutor uma revisão de sua experiência de campo na Academia Militar das Agulhas Negras (Aman). Castro dirige suas considerações para a formação deste novo campo intelectual que permitiria uma análise “de dentro” das instituições militares, de seu cotidiano, de suas relações e da constituição de sua identidade. O tom autobiográfico do texto – Castro narra sua participação num exercício de guerra chamado FIT (Fibra, Iniciativa, Tenacidade) e as dificuldades de inserção, como pesquisador, numa academia militar apenas dois anos após o fim da ditadura militar que vigorou no Brasil de



1964 a 1985 – converge para o levantamento de questões referentes à metodologia do trabalho de campo, de modo que as duas perspectivas permanecem indissociáveis na narrativa de sua experiência de pesquisa. Este é um traço que os demais artigos do livro também apresentam.

Em “Etnografia com militares: fórmula, dosagem e posologia”, Piero Leirner aponta algumas peculiaridades que os militares trazem consigo e que não permitem uma abordagem etnográfica tradicional, nas palavras do próprio autor.<sup>2</sup> Ele sugere, entre outras questões, uma importante inversão na relação pesquisador/pesquisado, cara à Antropologia, ao menos desde Claude Lévi-Strauss. Relação esta que se ocupa do objeto através de sua inclusão no discurso produzido. A troca etnográfica com os militares, na qual estes buscam controlar o pesquisador, apresenta-se tensionada entre uma “Antropologia Militar” (para os militares) e uma “Antropologia dos militares” (sobre os militares). Ou seja, a ideia é que se trava com esses nativos uma constante batalha pela “invenção da cultura”.<sup>3</sup> Se a Antropologia conhecida como Antropologia Clássica se erigiu como disciplina a partir de práticas colonialistas, a Antropologia dos militares, sem dúvida, se depara com o reverso da medalha, tensionada o tempo todo por uma estrutura tanto de pesquisa, quanto de procedimentos e etc., que já aparece dada pelos militares.

Emília Tagahashi pesquisou a formação da identidade militar de homens e mulheres na Academia da Força Aérea (AFA) durante cinco anos, e narra sua inserção no meio militar como pesquisadora e, ao mesmo tempo, professora (civil) de “Fundamentos de Psicologia” para os cadetes da AFA, bem como os impasses metodológicos envolvidos na pesquisa<sup>4</sup>. Tagahashi busca ainda refletir sobre como se dão os processos de socialização no meio militar tendo em vista uma questão de gênero, uma vez que, na AFA, há também cadetes mulheres.

Oposições como militares e civis, amigos e inimigos, bem como noções de hierarquia e disciplina são centrais e aparecem como aspectos





estruturantes da abordagem dos militares. Analisar os militares, como mostram os autores da coletânea, envolve se debruçar sobre esses conceitos. Este é o tom que marca os artigos seguintes. Além disso, a sociabilidade militar se estende para outras esferas que circundam este meio e acabam por absorver sua lógica.

Em “O Exército e os outros”, Lauriani Porto Albertini pensa a relação militares-civis.<sup>5</sup> É interessante notar que a pesquisadora fundamenta seu trabalho na ciência política e escolhe a etnografia como trajetória de pesquisa, com a intenção de buscar um ponto de vista endógeno sobre determinadas questões da vida militar. A autora problematiza essa sua facilidade de entrada no campo<sup>6</sup> – fato raro no caso deste objeto de pesquisa – no interior da própria relação que o exército constrói em relação com seu outro: a sociedade civil. Albertini mostra como sua aceitação se dá a partir do momento no qual é vista como potencial portavoza de uma visão de mundo “de dentro” para o mundo “de fora”. Os impasses apreendidos na relação entre pesquisador e pesquisados apontam para o dilema metodológico e, por que não dizer, antropológico que se refere à necessidade de entrar numa cultura e, ao mesmo tempo, dela distanciar-se para poder compreendê-la.

A sociabilidade militar é também uma das linhas de observação que fazem cruzar temática e metodologia. Isto ocorre porque a apreensão dessas práticas envolve convívio diário e observação por parte do pesquisador no dia-a-dia militar. Estas precisam ser autorizadas pelas instituições em que se deseja fazer isso – procedimentos pelos quais tiveram de passar diversos autores desta coletânea –, trazendo consigo uma “espontaneidade controlada” e organizada a partir da qual o pesquisador pode atuar. E, há ainda, formas de sociabilidade que se estendem para além da caserna e que devem ser apreendidas por outras vias.

A família militar, entendida num sentido mais amplo, como todos aqueles que experimentam a sociabilidade militar (ainda que não parti-





cipem diretamente do exército), e num sentido mais restrito, tal como aquela que resulta de um casamento, é uma marca importante no modo de funcionamento do meio militar. Fernanda Chinelli – em “Pesquisa e aliança: o trabalho de campo com mulheres de militares” – penetra na intimidade militar para pensar os laços de parentesco a partir das mulheres dos militares<sup>7</sup> e a inserção de Chinelli em campo dá pistas de que algo do modo de sociabilidade militar penetra a vida doméstica das famílias militares.

Cristina Rodrigues da Silva, seguindo o tema familiar, explora o mundo do quartel<sup>8</sup> em campo com cadetes da Academia da Força Aérea (AFA), que não podem casar até se formarem, e com as famílias de militares residentes na vila da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman), que, ao contrário, passam pela instituição do casamento. Entre o modo como as cadetes mulheres se relacionam com a vida militar e o cotidiano da família militar e as dificuldades reveladoras, “pode-se, pois, afirmar que a pesquisa de campo com militares apresenta uma série de particularidades que refletem as próprias características das Forças Armadas” (p. 109), como o modo de classificação que opera a partir da oposição amigo e inimigo, por exemplo.

O ponto de partida do que se constitui como campo de pesquisa relativamente novo no interior da Antropologia, a “Antropologia dos militares”, é apresentada pelos autores como uma busca por uma visão interna do mundo social dos militares que permitiria a compreensão dos processos de constituição da identidade militar e da estruturação de sua visão de mundo. Para isso, é preciso buscar construir um diálogo que permita a apreensão desse ponto de vista.

“Das entrevistas aos rituais: dialogando com os militares” trata do caráter duplo dos rituais militares: rituais cotidianos, que organizam situações rotineiras e “solenidades”<sup>9</sup> que produzem confirmação de um *status* adquirido. A autora, Juliana Cavilha, discorre sobre sua experiên-





cia com o “método das histórias de vida”<sup>10</sup> ao pesquisar militares fora da ativa há mais de cinco anos. A pesquisa realizada a partir de narrativas nativas, nesta chave, se mostra como um importante guia para o “fazer etnográfico”.

O trabalho etnográfico começa, no caso dos militares, antes mesmo da inserção *strictu sensu* no campo. O artigo de Alexandre Colli de Souza constrói um exercício de reflexão sobre as dificuldades de inserção, também relativas a procedimentos de obtenção de uma autorização – e de pesquisa, como indicadores positivos, no sentido afirmativo da palavra, daquilo que é o exército.<sup>11</sup> Assim, a percepção dos militares, do pesquisador como alguém que pretende ter acesso àquilo que é exclusivamente militar, permite pensar quais são os limites e os traços escolhidos e re-escolhidos na constituição dessa oposição entre fora e dentro, entre militar e civil que funda a identidade militar.

Aline Prado Atassio, por sua vez, desloca a etnografia dos militares oficiais para buscar o ponto de vista dos praças.<sup>12</sup> Atassio, como outros autores da coletânea, pensa o exército a partir da importância que a hierarquia assume neste meio e busca entender como ela se delinea, em seu campo, a partir da oposição praças e oficiais. A própria experiência de pesquisa e inserção na Escola de Sargentos das Armas (EsSA) se dá a partir dessa oposição: os militares aparecem mais receptivos em relação às outras pesquisas que abordam Oficiais, uma vez que vêm manifesto um interesse na formação de praças – uma parcela que se vê negligenciada, tanto pelos próprios setores do exército, quanto pela sociedade civil.

Máximo Badaró, argentino que também se insere no campo da antropologia dos militares, pesquisou no Colégio Militar da Nação (CMN) na Argentina.<sup>13</sup> Badaró se detém sobre uma das questões mais polêmicas que aparecem no decorrer de toda a coletânea, ou seja, sobre a possibilidade de urdir uma investigação etnográfica de instituições controversas como o Exército que, em vários países da América Latina, têm



históricos de ditaduras militares e outros crimes políticos. A questão metodológica que se põe é como fazer dos militares uma alteridade que permita a abordagem científica do tema. Badaró narra ainda as mudanças estéticas – modo de vestir, de apresentar-se e se barbear – acarretadas pelo trabalho de campo, que mostram como a pesquisa antropológica é sempre uma rua de duas mãos. Não só o antropólogo inclui em seu discurso o objeto estudado, como se deixa transformar por ele.

Adriana Barreto de Souza, na fronteira da História e da Antropologia, pensa as peculiaridades de se fazer pesquisa em arquivos militares, de leitura de seus códigos – dentro e fora dos documentos – em sua dupla face, ao mesmo tempo privada e pública, e o modo como as dificuldades de pesquisa interferem no texto etnográfico.<sup>14</sup> A autora aponta caminhos deveras interessantes para o campo em questão. A Antropologia, segundo ela, seria capaz de criar deslocamentos na definição das formas de pensar e viver a experiência militar que permitiriam compreender a mentalidade intervencionista a partir da qual, juntamente com a experiência política, o Exército ganha interesse como campo de pesquisa. Assim, de mãos dadas com a História, a Antropologia pode, por exemplo, perguntar se é possível pensar numa oposição ou numa hostilidade entre militares e civis no Brasil do século XIX. E daí refinar uma visão do passado e, com ela, do próprio presente.

A formação de um campo de pesquisa é sempre algo que traz consigo novos problemas e novas questões. A pesquisa com os militares não é diferente. Se desde seu nascimento a Antropologia problematiza a si mesma construindo, para isso, diversos “outros” que busca inserir em seu discurso, o modo de se fazer isso muda com o objeto, ou melhor, com o sujeito, como não poderia deixar de ser. Os autores desta coletânea não deixam, neste sentido, de pensar a Antropologia como essa ciência de duas mãos. Parafraçando Lévi-Strauss, contudo, “já não basta





ao homem conhecer” (Lévi-Strauss, 2008: 383). O par indissociável daquele que conhece e se vê como conhecedor e daquilo que é conhecido se desdobra numa humanidade que transforma o mundo e a si mesma no decorrer de suas operações.

Estudar instituições tão controvertidas como o Exército traz, portanto, suas consequências políticas e metodológicas. A ditadura militar que vigorou no Brasil de 1964 a 1985 aparece, tanto na visão que o Exército tem de sua imagem para a sociedade civil, quanto na tentativa de distanciamento dos pesquisadores como um sintoma, como se diria no léxico psicanalítico. Se a Antropologia é aquela que insere o ponto de vista do observado em seu próprio discurso, valeria, talvez, problematizar, sem ter de fazer disso o tema principal, aquilo que redefine o modo como a relação militares-civis é vista a partir de determinado momento, inclusive pelos próprios militares, como tão bem explora Adriana Barreto de Souza.

Para além das questões imediatamente ligadas aos militares, contudo, os artigos exploram o que há de mais frutífero no saber antropológico que são suas fronteiras, em relação aos sujeitos com os quais se relaciona, aos métodos que toma para si e aos outros saberes dos quais compartilha. Os autores mostram que não é preciso necessariamente uma identificação ou simpatia com o tema de pesquisa, assim como a Antropologia não é uma ciência do exótico, uma vez que se dobra frente ao social mais para lhe fazer perguntas do que para oferecer respostas definitivas.

## Notas

- <sup>1</sup> Conforme à expressão utilizada por Castro e Leirner em sua apresentação da coletânea. É preciso ressaltar ainda que nem todos os autores que fazem parte do livro se identificam como antropólogos, na conotação profissional e institucional do termo.





- <sup>2</sup> A pesquisa etnográfica de Leirner foi realizada entre os anos de 1992 e 1997 na Escola de Comando e Estado-Maior (Ecem).
- <sup>3</sup> Termo de Roy Wagner utilizado pelo próprio autor.
- <sup>4</sup> O artigo presente na coletânea ao qual nos referimos é “Cadetes pioneiros da AFA: algumas considerações sobre a pesquisa, o campo e a pesquisadora”.
- <sup>5</sup> Utilizo esta expressão tal como ela aparece no decorrer da própria coletânea.
- <sup>6</sup> A autora possui experiências de campo com organizações militares (OMs) de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro.
- <sup>7</sup> A autora fez pesquisa de campo no Edifício Praia Vermelha, onde estão instaladas famílias de oficiais da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Eceme).
- <sup>8</sup> O artigo presente na coletânea ao qual nos referimos é “Explorando o mundo do Quartel”.
- <sup>9</sup> Palavra utilizada pelos próprios militares ao se referirem a essas atividades.
- <sup>10</sup> Nome utilizado pela própria autora do artigo.
- <sup>11</sup> O artigo presente na coletânea ao qual nos referimos é “Etnografando militares: obstáculos, limites e desvios como parte constitutiva de visões nativas”.
- <sup>12</sup> O artigo presente na coletânea ao qual nos referimos é “A Formação de praças do Exército: experiência de Campo na Escola de Sargentos das Armas (EsSA)”.
- <sup>13</sup> O artigo presente na coletânea ao qual nos referimos é “Dilemas da antropologia das instituições controversas: reflexões a partir de uma investigação etnográfica no Exército Argentino”.
- <sup>14</sup> O artigo presente na coletânea ao qual nos referimos é “Pesquisando em arquivos militares”.

## Referência bibliográfica

LÉVI-STRAUSS, Claude

- 2008 “O lugar da antropologia nas ciências sociais e problemas levantados por seu ensino”. In *Antropologia Estrutural*. Trad. Beatriz Perrone-Moisés, São Paulo, Cosac Naify.